

# A PSICOLOGIA DA TORCIDA

Jaques Akerman

*Resumo:*

*O artigo procura explicitar os elementos de ordem psicanalítica, a partir de Freud, e sociológica, a partir de Le Bon filtrado pelo pai da psicanálise, presentes no comportamento das torcidas de futebol, o que lhes dá um ideal coletivo de grupo.*

*Palavras-chave: psicanálise, narcisismo, identidade, torcidas, multidões.*



*É gol,  
que felicidade!  
É gol,  
O meu time é a alegria da cidade!"*

A proposta deste artigo é apresentar a hipótese da psicanálise sobre o funcionamento das massas no que diz respeito à referência de que são guiadas ou manipuladas por um líder que incorpora uma função e carrega um atributo que tem força de promessa. A dimensão da felicidade coletiva a ser alcançada/conquistada pela massa que se reúne em torno do futebol apresenta-se como o horizonte capaz de reunir milhares de pessoas na fruição fugaz do gol que derrota, mesmo que transitoriamente, o oponente.

Freqüentemente, dentro e fora dos gramados nos deparamos com um tipo de explicação que busca justificativa para determinados atos ou acontecimentos que escapam ao previsível e que interrompem uma lógica mais linear. O assassinato de um torcedor por rivais de outro time, a derrota de um “grande time” para um “ilustre” e pequeno desconhecido ou um soco desferido por um jogador em outro que o ofendeu, são fatos que colocam em cena um ingrediente paralelo e que nestes casos aparece como uma última possibilidade de explicação: o fator psicológico.

Quando esse tipo de explicação é utilizado produz-se uma explicação que não explica, mas que remete o problema para uma outra cena, meio imponderável, meio inalcançável que gera um pacto de não entendimento que encerra a pergunta. Segundo Tostão, ex-jogador de futebol, médico e cronista esportivo, em crônica publicada no *Estado de Minas* do dia 29 de outubro de 2003, comentando uma derrota inusitada, não se pode pensar o mundo do futebol sem essas referências:

*“O jogo de futebol tem vida, emoção, acontece no campo e não numa fria sala de edição de imagens”.*

Cita Chaplin: *“Não sois máquinas; homens é que sois!”*

E mais à frente: *“O tempo passa e não aprendemos que o futebol é uma caixinha de surpresas e o jogo só acaba quando termina, como dizia o famoso filósofo”*

*...“A nossa prepotência e o nosso raciocínio lógico (mesmo correto) são menos importantes do que os mistérios e a imprevisibilidade. Não é somente a razão que dirige o mundo, mas também a emoção e as leis da natureza”.*

E cita Paulinho da Viola: *“A vida não é só isso que se vê”*. (TOSTÃO, 2003)

Temos, portanto, através da posição de um craque com credibilidade, a apresentação desta referência, da qual nos ocuparemos no sentido de investigar o movimento da torcida naquilo que tem de aparentemente inapreensível.

Aqui se pode colocar a questão que se aproxima do impasse: seria o fator psicológico (termo genérico, vago e supostamente auto-explicativo e sem substância) que causa a instabilidade? Ou ela é causada pela cena em que o sujeito, o time, se vêem diante de algo que o remete para estas outras referências?

Há em Freud dois eixos de investigação que podem lançar luz sobre o comportamento das torcidas de futebol. Um primeiro diz respeito à noção de “narcisismo das pequenas diferenças” em que, Freud, no texto “O mal-estar na civilização”, ao discutir a questão da agressividade como ameaça à civilização, apresenta a hipótese de que a possibilidade de satisfação da pulsão agressiva pode tornar mais fácil a coesão entre os membros de uma comunidade. Esta coesão apresentaria uma forte tendência de escoamento pulsional e daria à multidão, sob a forma de hostilidade ao diferente, grande potência aglutinadora.

*Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses e assim por diante. (FREUD, [1930] 1976, p.136)*

Uma comunidade irá através do narcisismo das pequenas diferenças constituir sua própria imagem a partir do que reconhece como diferença em outra comunidade mutuamente relacionada. A dimensão aqui colocada permite pensar, portanto, sobre a necessidade de existência desta “outra” comunidade próxima para que “uma” possa se reconhecer, permitindo que uma identificação às avessas se produza. É a partir dessa categoria, “a identificação”, que se sustenta o segundo eixo de investigação que pode nos esclarecer sobre o problema do movimento da multidão.

No texto “Psicologia de grupo e análise do ego”,<sup>2</sup> Freud se debruçará sobre o funcionamento psicológico das massas e entre outras elaborações dedicará dois capítulos ao estudo dos processos de consti-

tuição do psiquismo individual, no sentido de sustentar a tese de que é a partir da estrutura do indivíduo que se pode deduzir a formação dos grupos. A despeito das críticas que podem (e devem) ser feitas em relação a um possível reducionismo que coloca a direção de determinação do funcionamento das multidões partindo do indivíduo, acreditamos tratar-se de uma formulação bastante útil para um viés de esclarecimento da questão.

A partir da psicanálise, o que estaria em jogo seria o “complexo” que coloca em cena a dialética do ter/ser o falo e suas conseqüências na estruturação psíquica do sujeito em torno da castração. Estabelece-se nesse complexo as variáveis da equação entre o sujeito e o objeto e as relações que engendrarão a estrutura psíquica e os mecanismos que o sujeito terá que construir em relação à posse ou não do objeto.

Para Freud, esse processo parte e deságua num tempo estruturante que é o da identificação, conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. (FREUD, [1821], (1976), p. 133) Há a ligação estreita entre o mecanismo da identificação e o tipo de laço que se estabelece entre a criança e os seus outros materno e paterno em relação à circulação do falo. O objeto estruturalmente perdido é novamente erigido dentro do eu que efetua uma alteração no próprio eu, segundo o modelo do objeto perdido, constituindo seu ideal de eu. Estaria aqui aberta a via, que através dos mecanismos da identificação, permitirá a construção de laços entre os indivíduos, permitindo a formação dos grupos. Mais adiante retomaremos desse ponto.

É mais simples se estabelecer conjecturas a esse respeito quando se trata de um único sujeito determinado pela sua história, com seus arranjos peculiares diante dos meandros da falta fálica e do seu circuito particular de satisfação pulsional. O problema que se apresenta é sobre a transposição desse tipo de categoria para um nível que engloba uma série de sujeitos, como um time ou ainda uma torcida de uma agremiação futebolística. Estariam envolvidos os mesmos elementos quando se problematiza o indivíduo ou o coletivo?

## A TORCIDA

Gustave Le Bon, autor do século 19 apavorado com o movimento das multidões na Europa (s/d [1855]), irá compará-las a figuras que não estão inscritas no devido uso da razão como as crianças, as mulheres e os selvagens. Estabelecerá a diferença básica entre o indivíduo e o coletivo a partir desta característica: “*Na alma coletiva, as*

*aptidões intelectuais dos homens e, por consequência, a sua individualidade diluem-se. O heterogêneo dilui-se no homogêneo e as qualidades inconscientes dominam*".(LE BON, s/d [1855], p. 19).

Apesar da veia conservadora que o aproxima do fascismo, o autor oferece uma das primeiras descrições do movimento das multidões, que inclui a categoria do inconsciente como elemento diferencial para o seu funcionamento. Para Le Bon, num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo. O indivíduo (entenda-se: homem, racional, não pertencente à nobreza e adulto) cede ao irresistível apelo do grupo que atua, sugestionando-lhe e contagiando a sua "alma" em direção a obtenção de um prazer e de uma conquista imediatos. e não pensados.

*A personalidade consciente dilui-se, os sentimentos e as idéias de todas as unidades estão concentradas numa mesma direção. Forma-se uma alma colectiva, transitória, sem dúvida, mas com traços muito nítidos. A colectividade transforma-se então naquilo que, à falta de uma expressão melhor, designarei por uma multidão organizada ou, se preferirmos, uma multidão psicológica*".  
(LE BON, s/d, p.24)

Freud no texto já referido ("Psicologia de grupo e análise do ego") tomará como ponto de partida para introduzir suas elaborações a respeito do funcionamento dos grupos as idéias de Le Bon. Apesar de classificar como "brilhante" a descrição de Le Bon da alma das multidões, irá discordar em alguns pontos, afirmando que tanto o indivíduo quanto a multidão se guiam igualmente pelo inconsciente. Apontará ainda uma certa fragilidade da teoria de Le Bon em relação às categorias que permitiriam explicar porque as coisas funcionam dessa maneira.

Le Bon apresentará como mecanismo básico, que faz com que o indivíduo perca seus dotes conscientes e mergulhe, nos "eflúvios" que emanam da multidão, a semelhança com um estado hipnótico com a devida submissão ao comando de um líder que tem prestígio.

*As investigações mais cuidadosas parecem demonstrar que um indivíduo imerso por certo lapso de tempo numa multidão cedo se descobre — seja em consequência dos eflúvios que dela emanam, seja devido a alguma outra causa por nós ignorada — num estado especial, que se assemelha muito ao estado de 'fascinação' em que o in-*

*divíduo hipnotizado se encontra nas mãos do hipnotizador... Todos os sentimentos e o pensamento inclinam-se na direção determinada pelo hipnotizador". (LE BON, s/d [1855], p. 24-26)*

Este se torna o eixo da investigação de Freud, no referido texto para decifrar o movimento das massas: *"Se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse algo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo."* (FREUD, [1921], 1976, p. 96)

Nesta perspectiva como poderíamos pensar a participação do indivíduo na massa de torcedores que se envolve, com diferentes intensidades nessa condição de pertencimento a uma determinada torcida de futebol. Encontramos figuras de todos os tipos numa torcida; o jeito de cada um lidar com seus dotes racionais parece não ser o principal indicador de maior ou menor paixão pelo time. Trabalhadores braçais e intelectuais, desempregados e com carteira assinada, calmos e raivosos, ricos e pobres, adultos e crianças, mulheres e homens são as figuras que compõem a fauna de uma torcida e têm a sua menor ou maior paixão não definida pelo seu pertencimento a uma das categorias assinaladas. Haveria, portanto, uma outra cena em que se encontram e que os colocam no caminho de experimentação e busca no pertencimento a uma comunidade que vai atrás dos mesmos ideais.

*Um grupo primário desse tipo<sup>3</sup> é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego.* (FREUD, [1921], 1976, p. 147)

Colocar o objeto no lugar de seu ideal de ego pode ser entendido como a operação que constitui para o indivíduo um modelo com o qual deverá se identificar, uma vez que há uma indistinção entre as duas categorias no sentido da dialética ser/ter. Estaríamos, portanto, em condições de, a partir de Freud, apresentar a torcida como um ideal coletivo do grupo, que apresenta, nada mais que a convergência dos ideais de ego individuais.

A força catalisadora do horizonte pleno feliz e vitorioso, que sempre retorna nos sonhos, na hipnose e nas operações mentais de um grupo, faz com que a função de verificação da realidade das coisas caia para o segundo plano, e deixa prevalecer a força dos impulsos plenos de desejo.

## NOTAS

- 1 Vinheta da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte apresentada a cada gol.
- 2 Título do texto na Edição Standard Brasileira traduzida da edição inglesa que seria melhor
- 3 Freud chama aqui de “primários” os grupos que têm um líder e não puderam adquirir as características de um indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, [1921]1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, [1921]1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).
- LE BOM, Gustave. *Psicologia das multidões*. Lisboa: Publicações Europa-América, [1855] s/d.